

## GRÉCIA ANTIGA OU GRÉCIA HISTÓRICA, GRÉCIA ARCAICA, HOMERO E POESIA ÉPICA

PROFA. RAGUSA / 2024

DICKEY, E. *Ancient Greek scholarship*. Oxford: University Press, 2007.

KNOX, B. M. W. "Books and readers in the Greek world – 1. From the beginnings to Alexandria". In: \_\_\_\_; EASTERLING, P. E. (eds.). *The Cambridge History of classical literature. Volume I: Greek literature*. Cambridge: University Press, 1990, pp. 1-16. (**Moodle,**

**Bibliografia geral)**

MURRAY, O. *Early Greece*. 2ª ed. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

SAÏD, S. *Homer and the Odyssey*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

### GRÉCIA PRÉ-HISTÓRICA (OS ANTEPASSADOS DOS GREGOS)

#### CIVILIZAÇÃO MINÓICA (c. 2200-1450 a.C.)

Sede: ilha de Creta (a maior das

ilhas gregas)

**Características básicas:** civilização comercial, pacífica e palaciana, que se utilizava de um sistema de escrita silábica (em que grafemas representam sílabas) essencialmente para organização econômica. Tal sistema (ainda não inteiramente decifrado) foi denominado *Linear A*, e foi encontrado nas famosas escavações conduzidas pelo arqueólogo inglês, Sir Arthur Evans, em 1900, no célebre Palácio de Cnossos, cidade das mais importantes, associado ao mítico rei Minos e ao Minotauro.

#### CIVILIZAÇÃO MICÊNICA (OU MINÓICA-MICÊNICA) - c. 1450-1050 a.C.

Sediada em várias cidades do continente grego (Pilos, Argos, Micenas, em destaque), trata-se de civilização fundamentalmente guerreira, que absorveu, em sua primeira expansão significativa, a Civilização Minóica.

Os micênicos também se utilizavam de um sistema de escrita silábica, o *Linear B* (em grande medida uma adaptação do *Linear A*), decifrado em 1952, a partir do estudo das cerca de 600 tábuas de argila inscritas, encontradas em 1939, no Palácio de Pilos conhecido como o "Palácio de Nestor", o rei de Pilos na tradição da poesia épico-homérica. Essa designação é indicativa do **fato hoje incontestável de que os gregos que estiveram em Troia e lutaram a famosa guerra não foram os gregos históricos que ainda viriam à cena da era arcaica em diante, mas estes seus antepassados – os micênicos.**

A Civilização Micênica veio à luz com força a partir das descobertas do diletante alemão Heinrich Schliemann, defensor de Homero e da verdade de seus poemas, que escavou a colina de Hissarlik (Turquia), a partir de 1871, onde se situa o sítio arqueológico em que se desvendaram **onze** Troias – ele desvendou apenas uma delas. No continente grego, ele buscou os palácios dos grandes senhores da epopeia homérica, tendo encontrado em 1876, na antiga Micenas, um que chamou de “Palácio de Atreu”, em referência ao pai de Agamêmnon e Menelau, os irmãos Atridas.

### **ERA DO ALTO-ARCAÍSMO (c. 1050-800 a.C.)**

Trata-se de período de transição para a Grécia histórica, marcado pela desagregação do mundo micênico por força de seus próprios problemas, de catástrofes naturais de grandes proporções e de invasões de povos desconhecidos, o que levou à pobreza, à fuga do continente para as ilhas, ao isolamento e ao uso cada vez menor do *Linear B*. Por isso, os estudos mais antigos às vezes chamam erroneamente esse período de “Era das Trevas”, nomenclatura inadequada tanto para a Idade Medieval, quanto – ou muito mais – para a transição da Grécia Pré-Histórica para a Histórica.

---

## **GRÉCIA HISTÓRICA E SEUS TRÊS PERÍODOS**

**ERA ARCAICA** (c. 800-480 a.C.)

**ERA CLÁSSICA** (c. 480-323 a.C.)

**ERA HELENÍSTICA** (c. 323-31 a.C.)

### **ERA ARCAICA (c. 800-480 a.C.)**

**As marcas desse momento que abre o que se chama Grécia Histórica – a Grécia de que falamos ordinariamente – são:**

- **Cultura eminentemente oral**, embora o período tenha como **um de seus demarcadores a reintrodução de um sistema de escrita** que deve remontar a c. 900 a.C., mas agora não mais em sistemas silábicos, como os lineares minoico e micênico, e, sim, **alfabético** (grafemas representam vogais e consoantes) – **o alfabeto grego** –, forjado a partir da adaptação do alfabeto fenício (sobretudo pela introdução do sistema de vogais). Mas

a difusão e a disseminação de seus usos da escrita serão graduais, lentas, inclusive pela indisponibilidade de materiais eficazes como o papiro, que só começará a ser adquirido pelos gregos no final da era arcaica (c. 550 a.C.), quando a Grécia já enriqueceu bastante com o comércio e a expansão de colônias, a ponto de um sistema monetário ser introduzido numa economia que, como é característico de sociedades pré-letramento, baseava-se no sistema de trocas.

- **Pluralidade cultural** A Grécia nunca foi uma federação, nunca esteve sob um sistema político-jurídico-social único, mas sempre se pensou em dimensão local, guardando a variedade de dialetos, de tradições poéticas e musicais, de contextos socioeconômicos e religiosos-culturais e assim por diante. A *pólis* (“cidade-estado”), organização que apenas na civilização grega se encontra, reflete essa autonomia local, o sentido de autonomia das comunidades quanto aos seus modos de vida (leis, cultos, tradições, governos, ...). Seu advento deve remontar a tempos um pouco anteriores à era arcaica, mas seu desenvolvimento é **demarcador dessa era**, e levará a uma mudança de grande impacto, pois produzirá a **urbanização** de uma Grécia antes notadamente rural, processo que instaura a vivência em coletividade, o que impulsiona a concepção de sistemas capazes de viabilizar essa nova realidade – sistemas de arquitetura e urbanismo, de governança, de direito e assim por diante. Além disso, associada à colonização crescente e ao decorrente enriquecimento das comunidades e das pessoas, leva a **uma maior mobilidade social**, em comparação ao estado mais estático da sociedade grega rural.
- **Prosperidade econômica** Por duas vezes já referi esse outro demarcador da era arcaica, concretizado pela crescente expansão para incremento de terras e de comércio que move a **colonização** grega – a qual não pode ser pensada em termos de dominação/submissão, mas, sim, de ampliação territorial e aumento de atividade comercial capazes de darem conta do aumento populacional que a prosperidade acarretava naquele momento. Assim é que a Grécia se irá expandir para todo o Mediterrâneo a Oeste e a Leste, para a Ásia Menor e o Oriente Próximo, para o Norte da África, fundando colônias normalmente próximas da costa, muitas das quais eram entrepostos comerciais. Os contatos com povos orientais são especialmente intensos tanto pela colonização quanto pelo efervescente **comércio** em larga medida a ela combinada, e fala-se mesmo numa **“revolução orientalizante”** entre os anos de 750-650 a.C., tão grande é o influxo de elementos culturais orientais que acompanham os elementos comerciais nas trocas com o universo grego. Denomina-se **Eólida** (um dos grandes dialetos é o lésbio-eólico) a região de colônias gregas do meio ao Norte da costa da atual Turquia, somadas à ilha grega de Lesbos, no Mar

Egeu; **Jônia** (outro dos grandes dialetos é o ático-jônico), a região de colônias gregas do meio ao Sul da costa da atual Turquia, somadas às ilhas gregas de Samos e Quios, no Mar Egeu; **Magna Grécia**, a região de colônias gregas no sul da Itália e na Sicília.

- **Grandes póleis da Grécia arcaica são continentais: Corinto e Esparta** – a segunda situada no Peloponeso, sede do mundo dórico, sendo este o terceiro grande dialeto grego. **Obs.: de Atenas, cidade da Ática (nome do dialeto que se irá combinar ao jônico) que será central na era clássica, só começamos a ouvir falar no final da era arcaica, c. 600 a.C.**
- **Revolução hoplítica** (*hoplítēs* é o termo grego para o soldado fortemente armado). Trata-se de outro **demarcador** da era arcaica, decorrente da prosperidade que levará à guerra aqueles que antes não podiam arcar com os custos dos equipamentos adequados à luta coletiva, ombro a ombro. Usa-se o termo “revolução” porque se alteram muito as técnicas e as estratégias de combate, com destaque para a formação da falange, que deixa de depender de proezas individuais de nobres aristocratas e passa a apoiar-se no grupo de soldados. Alteram-se também a concepção e a fabricação de armas, em busca de maior eficácia.
- **Jogos – uma invenção grega – chamados Olímpicos, porque sediados como atividade de culto no festival público-cívico-cultural a Zeus Olímpio na pólis de Olímpia (776 a.C.)**

### **GÊNEROS POÉTICOS NO AUGE NO PERÍODO ARCAICO**

Todos os discursos culturais são realizados na linguagem da Poesia que é expressão natural humana e inerente a toda cultura oral, uma vez que não precisa da escrita, sendo composta sobretudo a partir de técnicas que, mesmo na oralidade, visam à manutenção de conteúdos e à facilitação de sua perpetuação – **técnicas de caráter mnemônico** (para que a composição seja facilmente memorizável), que têm na repetição e no ritmo (marcado pela métrica, acessível apenas no texto original) dois de seus principais fundamentos. **[Observem, na leitura da *Iliada* e da *Odisseia*, como a linguagem trabalha de vários modos e intensamente com a repetição]**

- I. **Poesia épica ou epopeia: *Iliada* e *Odisseia*, de Homero. Definição do gênero:** o canto dos grandes feitos dos grandes homens (heróis), homens que ainda estão próximos dos deuses (mais do que nós), mas que são mortais, como nós, mesmo se filhos de deuses. O canto desses

grandes feitos dos heróis, centro absoluto da narrativa, tem a clara função de lhes dar renome e imortalidade. Daí que essa poesia sempre idealiza e monumentaliza seu objeto. **A poesia épica (ou a epopeia, como podemos nomeá-la) é poesia mítica**, porque sua matéria é tradicional ou mítica, isto é, ela se tece a partir de narrativas tradicionais, preservadas na memória da comunidade, que encerra seus valores mais caros. ***Mýthos* (“mito”)**: a palavra grega denomina palavra, sequência de palavras, narrativa que se perpetua na memória pela repetição no decorrer do tempo, de modo que se torna tradicional.

- II. **Poesia didática-cosmogônica**: Hesíodo, *Teogonia ou a origem dos deuses*. Narrativa **mítica** que pretende explicar o mundo dos deuses e a configuração do cosmos
- III. **Poesia didático-sapiencial**: Hesíodo, *Trabalhos e dias*. Narrativa **mítica** que pretende explicar o mundo dos homens (especificamente, a configuração da condição humana) e oferecer aconselhamentos a um destinatário nomeado sobre como conduzir sua vida.
- IV. **Poesia hínica** (*Hinos homéricos*, assim chamados pela semelhança de dicção com a poesia épico-homérica). Poesia **mítica** para os deuses e sobre os deuses, centradas em episódios de suas vidas cotidianas, em geral eloquentes no que tange às prerrogativas da divindade.
- V. **A poesia elegíaca, a poesia jâmbica e a poesia mélica** (a lírica propriamente dita), gêneros produzidos intensamente entre 650-450 a.C., de matéria variada e não apenas mítica.

#### **Final da era arcaica e seus demarcadores:**

- Em c. 550, surgem a filosofia (chamada pré-socrática), matemática, astronomia. Tudo isso é ainda feito na linguagem da poesia.
- Em c. 550 a.C., surge o sistema monetário, e o papiro (conhecido dos egípcios desde 3000 a.C.) passou a ser importado em maior volume, sendo

a escrita cada vez mais usada, embora – como em boa parte do período seguinte – mais para a fixação de conteúdos que só se realizavam oralmente.

- Em c. 500 a.C., surgem as primeiras “escolas” em Atenas, para aprendizado do alfabeto, de poesia, canto e música, para meninos da aristocracia. Surgem também “livreiros”, bibliotecas e “edições” – termos que não correspondem exatamente ao que significam hoje, mas que indicam a circulação de obras do passado e dos grandes poetas em textos fixados em papiro, e sua coleção em bibliotecas de indivíduos.
- Em c. 500 a.C., surgem os primeiros historiógrafos e suas obras em **prosa**, sinalizando a força que a **escrita** havia adquirido e continuaria a adquirir, trazendo à tona o **pensamento racional ou científico** e gerando a crise do mito e do **pensamento mítico** (o pensamento que funciona pela narrativa tradicional, ferramenta de explicação do mundo e de manutenção de conteúdos, e que pensa o homem e o mundo a partir da configuração fundamental do plano dos deuses imortais e do plano dos homens mortais).
- Consolida-se cada vez o **Pan-Helenismo**, resultante de um processo lento e contínuo de construção da **identidade grega**, uma identidade embasada essencialmente em elementos **culturais percebidos como comuns, a serem por todos prezados e zelados, a começar por Homero e seus dois grandes poemas épicos.**

Os poetas dos grandes gêneros poéticos arcaicos espalham-se pelo mapa da Grécia e das regiões de colônias, refletindo a grande pluralidade, diversidade, multiplicidade desse mundo, em todas as dimensões da vida cultural (incluída a língua), econômica, social e cultural-religiosa. Em meio a essa heterogeneidade, **na era arcaica** começa a se forjar o **pan-helenismo** que reconhece na cultura os elementos comuns e suficientemente fortes para serem percebidos como identitários. E é por meio deles que o pan-helenismo se vai construindo como a **identidade grega, cuja natureza é cultural.** O **pan-helenismo** é **tendência fundamental na construção do mundo grego antigo.**

### ERA CLÁSSICA (c. 480-323 a.C.)

- **Guerras Pérsicas** (490-479 a.C.) inauguram esse período, consolidando o pan-helenismo grego que levará à união das *póleis* contra o inimigo externo – o Império Persa e seu expansionismo;

- Auge da polarização entre Atenas (polo político-cultural) e Esparta, em andamento desde o século VI a.C. e acentuada pelos papéis desempenhados por essas *póleis* nas Guerras Pérsicas. Resultado: 431-404 a.C., a guerra civil grega, com todas as *póleis* se alinhando de um lado ou outro, a **Guerra do Peloponeso**.

- **Gêneros de prosa e poesia mais importantes no período:**

**Poesia mélica (a canção)**

**Poesia dramática (tragédia, comédia e drama satírico)**

**Prosa Filosofia, Retórica, Sofística, Historiografia**

- **Invasão Macedônia: 336 a.C.:** a Grécia passa ao reino de Alexandre, até sua morte em 323 a.C., reino este marcado pela expansão do mundo grego (língua, cultura) para vastas e impensadas fronteiras.

### ERA HELENÍSTICA (c. 323-31 a.C.)

Sua sede é o Egito dos Ptolomeus, herdado por um dos generais de Alexandre na divisão de seu império após sua morte, em que o grego é adotado como língua franca. Destacam-se a poesia, a filosofia, as artes plásticas, o teatro.

- 31 a.C.: anexação do Egito ao Império Romano, agora configurado por Otávio Augusto, sobrinho de Júlio César.

**Grande marca do mundo helenístico: Biblioteca de Alexandria**, *bibliothékē* significando “o lugar para ser colocado [*títhēmi*] o *bíblōs* (rolo de papiro)”. Trata-se não de um edifício próprio, mas de uma sala no *Museîon* (literalmente, “a casa das Musas”, sentido básico de Museu) construído pelo faraó Ptolomeu I em c. 250 a.C.. Nela,

executou-se por copistas (não raro analfabetos e escravos) a **cópia em escala sem precedentes das grandes obras dos poetas da Grécia antiga**, conduzida por **eruditos que estudavam os textos e consolidavam suas edições**. Para que as cópias fossem feitas, emissários do faraó viajavam à Grécia para emprestar “edições” de bibliotecas privadas, de cidadãos que sabidamente estavam em posse de rolos de papiros com as obras dos grandes poetas e prosadores gregos, mas não é certo de que os empréstimos tenham sido devolvidos. Isso vai até a sua primeira, mas não última, destruição, em 47 a.C., por um grande incêndio atribuído a Júlio César; haveria lá cerca de 700.000 volumes de rolos de papiro lá. A Biblioteca só cessará suas atividades com a queda do Império Romano do Ocidente, 476 d.C., à qual pouco sobrevive.

**Ásia Menor, Biblioteca de Pérgamo:** concorria com a Biblioteca de Alexandria, razão pela qual os faraós Ptolomeus proibiram a exportação de papiro para lá. Isso forçou a criação de alternativa, o pergaminho (*pergamēnós*), feito de pele de animal tratada e, portanto, muito mais caro. Mas esse material salvou a biblioteca do monopólio egípcio e permitiu seu incremento contínuo. Essa Biblioteca continuará suas atividades, símeis à da Biblioteca de Alexandria, exceto pela atividade escoliástica (de comentário e estudo dos textos copiados), até a vigência do Império Otomano.

**Em Alexandria, Zenódoto, Aristófanes de Bizâncio e Aristarco, ao longo dos séculos III-II a.C., trabalharam nas primeiras** edições críticas dos poemas homéricos (Saïd, 2012, pp. 43-4) a partir “de manuscritos coletados pelos Ptolomeus da Biblioteca”, em circulação restrita desde o século VI a.C.. Até esse momento, as citações de trechos dos poemas mostram “muitas diferenças nas tradições. Estas desaparecem quase de todo de cerca de 150 a.C. em diante” (Saïd, 2012, pp. 43-4), o que indica a existência de vulgata de reconhecida autoridade, seguramente concebida na Biblioteca de Alexandria.

**Meados do século II a.C.** Aristarco fez a mais importante edição dos poemas homéricos, cujos versos dividiu em 24 cantos correspondentes ao número de letras do alfabeto grego. Essa edição se perdeu, mas dela descendem todos os manuscritos (códices) bizantinos e medievais dos séculos X-XII dos dois poemas que sustentam nossos textos, notadamente, a edição comentada de **Eustácio de Tessalônica (bispo, século XII d.C.)**. Aos manuscritos se soma a massa de papiros do século III a.C.

**De seu lado, Aristófanés de Bizâncio fez trabalho de equivalente importância com a elegia, o jambo e a métrica, sendo seu principal editor.**

**Recuperação do grego, praticamente perdido no Ocidente europeu após a queda do Império Romano do Ocidente em 476 a.C., dar-se-á no século XIV, por meio das viagens dos célebres mercadores de Veneza ao Império Romano do Oriente ou Império Bizantino [e mercadores de Veneza], proximamente à queda de Constantinopla, em 1453, e à dominação turca, que findará o domínio milenar do grego**

**Século XV 1ª impressão de Homero 1488, Florença.**